

Veja

23/10/1985

Cinema

Safra perdida

Minha Terra, Minha Vida, mais um filme rural

Houve um tempo em que o principal astro dos estudos brasileiros de sociologia era o bóia-fria. Agora, também o cinema americano registra uma fase de interesse pelo homem do campo. Aparentemente desiludida com o ritmo febril das grandes cidades, que reduz todas as histórias a tramas de neurose, Hollywood tenta flagrar os tradicionais valores americanos nas fazendolas dos pequenos proprietários, que fincam pé na terra, orgulhosos de seu papel na construção do país. Até agora, essa nova safra de filmes não produziu nenhum grande espetáculo nem chegou a revelar mocinhos e bandidos realmente convincentes, como nos velhos faroestes. *Minha Terra, Minha Vida* (Country, Estados Unidos, 1984), dirigido por Richard Pearce e em cartaz em São Paulo, é mais um exemplar dessa fase caipira, já representada anteriormente neste ano por *Um Lugar no Coração*, que deu um Oscar de melhor atriz a Sally Field.

Quem desejava esse prêmio era Jessica Lange, a bela que se confrontava com a fera na refilmagem de *King Kong* e que agora aparece como a estrela de *Minha Terra, Minha Vida*. Ela pôs dinheiro na produção para conquistar o papel da fazendeira Jewell Ivy e ainda chamou seu marido, o ator, dramaturgo e roteirista Sam Shepard, um dos mais aplaudidos jovens talentos de Hollywood, para enriquecer o elenco. Apesar do esforço, porém, o plantio não vingou. Descrever as durezas da vida rural pode ser interessante num estudo sociológico, mas um filme que só tenha isso como atrativo consegue apenas aborrecer o espectador.

Quando o filme começa, Jewell está trabalhando no fogão, fazendo vários sanduíches enquanto esquentava a mamadeira do bebê, que carrega no colo, e divide sua atenção com Marlene, sua filha de 8 anos. Os homens da casa estão colhendo milho no campo — Gil (Sam Shepard), o marido, é auxiliado pelo sogro e pelo filho adolescente, Carlisle. Trata-se de uma família feliz, que trabalha para viver e pagar os financiamentos concedidos pelo governo e se diverte nos fins de semana diante da televisão, depois da missa, ou no baile da roça. Essa harmonia se rompe quando os agentes do governo decidem cobrar adiantadamente os empréstimos, por ver que o pequeno agricultor opera com baixa ou nenhuma rentabilidade. Levanta-se, então, a heroína Jewell, a grande mãe, disposta a tudo para manter a família unida e evitar a perda da fazenda.

Infelizmente, para quem vê o filme, os Ivy parecem ansiosos demais por permanecer juntos, de modo que suas brigas entre si não chegam a comover. Por outro lado, o conteúdo político da trama resvala rapidamente para a demagogia, pintando os burocratas do governo como bandidos gananciosos e os agricultores, ingênuos e incompetentes, como mocinhos injustamente oprimidos. Para completar, o roteiro simplório providencia um final feliz para Jewell, que derrota os burocratas e não deixa os Ivy se tornarem bóias-frias. Mortalmente tedioso, *Minha Terra, Minha Vida* é como as fazendolas de seus pequenos proprietários — devora tempo e dinheiro, mas não rende nada a ninguém.

MIRIAN PAGLIA COSTA

(Página 129)